

## “SAI A CHUPETA, ENTRA A GALINHA PINTADINHA”: O LEVANTE DE DISCURSOS SOBRE A CRIANÇA HIPERCONECTADA

*("Get out the nursing nipple, goes into painted chicken": the lift of discourse about the hyperconnected child)*

Francisco Vieira da Silva <sup>1</sup>  
(Universidade Federal Rural do Semi-Árido)

### ABSTRACT

*This work intends to study, from the analysis of three web materials, the constitution of statements about the hyperconnected child, with the purpose of analyzing the enunciative positions present in these discourses, as well as the modes of objectification / subjectivation that construct the child Hyperconnected. As a theoretical contribution, we mobilize Michel Foucault's concepts of discourse, enunciation and adjacent notions, and the discussions about power, knowledge and modes of objectification / subjectivation. The analysis points out that the enunciative positions are related to the specificities of the materialities studied and that the processes of objectification / subjectivation of the hyperconnected child are marked primarily by the medical knowledge.*

**Keywords:** *Discourse. Power. Knowledge. Hyperconnected child.*

### RESUMO

*Este trabalho pretende estudar, a partir da análise de três materialidades da web, a constituição de dizeres acerca da criança hiperconectada, com o intuito de analisar as posições enunciativas presentes nesses discursos, assim como os modos de objetivação/subjetivação que constroem a criança hiperconectada. Como aporte teórico, mobilizamos os conceitos de discurso, enunciado e noções adjacentes de Michel Foucault e as discussões acerca do poder, do saber e dos modos de objetivação/subjetivação. A análise aponta que as posições enunciativas estão relacionadas às especificidades das materialidades estudadas e que os processos de objetivação/subjetivação da criança hiperconectada estão marcados prioritariamente pelo saber médico.*

**Palavras-chave:** *Discurso. Poder. Saber. Criança Hiperconectada.*

*A criança não é apenas o traje, as brincadeiras, a escola, nem mesmo o sentimento de infância; ela é um processo, uma história (A. Besançon, 1973 apud Ariès, 1981).*

— *Você já olhou todas as minhas interações, em todos os websites, mãe.*

— *Querida, você sabe que só faço isso para mantê-la segura.*

— *Ok, deixe-me ver seu telefone.*

— *Isso é invasão, não acha?*

*(Falas do filme Homens, mulheres e filhos, 2014).*

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto I da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas, Rio Grande do Norte.

## INTRODUÇÃO

As discussões desenvolvidas neste texto atrelam-se à emergência de discursos e práticas da atualidade que vão conferir uma determinada visibilidade à constituição da criança conectada com as tecnologias digitais. Em que pesem os diferentes posicionamentos que incidem sobre esse fenômeno, uma forma de encarar a criança conectada a tais tecnologias diz respeito a uma certa preocupação, de diversos setores da sociedade, em relação aos mais variados problemas originados da inserção precoce e desenfreada da criança no âmbito dos diversos dispositivos digitais atualmente existentes. Tem-se, portanto, inquietações que sinalizam para os problemas de concentração no tocante à aprendizagem, em função da quantidade de tempo em que a criança fica na *web* (NOGUEIRA, 2016), para o isolamento social proveniente do uso intermitente das tecnologias (RAVASIO; FUHR, 2013; CARDOSO, 2012), de uma hiperconectividade que se torna viciosa para desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente (MONTEIRO; OSÓRIO, 2015), dentre outros receios. Uma miríade de saberes, de ordem médica, orienta pais, professores e responsáveis a tomarem atitudes de vigilância em relação ao comportamento infantil na utilização das tecnologias digitais.

Para exemplificar essa questão, podemos mencionar o fato de a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) ter criado, em novembro de 2016, um Manual de Orientação para a Saúde de Crianças e Adolescentes na era digital. Em linhas gerais, o documento visa a radiografar os benefícios e malefícios que acompanham as tecnologias digitais, cujos desdobramentos refletem sensivelmente sobre o sujeito que as utiliza. Partindo do pressuposto de que as crianças e adolescentes têm adentrado o universo digital cada vez mais cedo e com uma frequência maior, conforme revelam diversas pesquisas<sup>2</sup>, tal manual insiste na necessidade de se constituir como um lugar de fala (FOUCAULT, 2010), socialmente autorizado a discorrer sobre as inflexões das tecnologias da informação e comunicação na saúde de crianças e adolescentes. Nesse intento, o documento, ao partir de um discurso de prevenção, endereça-se aos pediatras, aos pais, aos educadores e às escolas, bem como às crianças e adolescentes, com vistas a recomendar a adoção de medidas que objetivam dirimir quaisquer problemas advindos da utilização das tecnologias digitais. Dentre tais recomendações, podemos mencionar a necessidade de limitar, de maneira proporcional, o tempo de acesso à rede digital em relação à faixa etária da criança e/ou adolescente; o

---

<sup>2</sup> Dados pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da internet (CGI) e o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade de Informação (Cetic.br), a TIC-KIDS ON-LINE Brasil de 2015 mostram que 21% dos adolescentes deixam de comer por causa da internet, 8% relataram formas de experimentar e usar drogas e 7% formas de cometer suicídio. Outros dados ainda demonstram que mais de 77% dos adolescentes pesquisados enviam mensagens instantâneas ou usam redes sociais quando estão sozinhos e 61% já postaram vídeos ou fotos na *internet* (SOCIEDADE...., 2016, p.2).

monitoramento de *sites*/programas/aplicativos/filmes/vídeos que crianças e adolescentes estão visitando/assistindo/compartilhando, especialmente em redes sociais; o incentivo a práticas que tencionam estimular o desconectar, de maneira a levar a criança e o adolescente a encontrar outras formas de diversão fora da rede. Em suma, a irrupção do manual em foco está articulada com a efervescência de dizeres que apontam para a relação, nem sempre salutar, da criança/adolescente com as tecnologias digitais, e com a urgência em orientar os pais e/ou responsáveis para atitudes de vigilância em relação a essa entrada da infância na *web*.

Esses referidos dizeres colorem-se com tons de alarde, quando surgem casos de crianças e adolescentes que cometem infrações contra a saúde ou até mesmo contra a própria vida. Em setembro de 2016, Gustavo Detter, 13 anos, de São Vicente, São Paulo, enforcou-se após uma partida de *game online*. Conforme o tio do garoto, em entrevista ao *site* G1<sup>3</sup>, o suicídio do adolescente está diretamente relacionado com o ônus de um *game* denominado *League of Legends*. Nesse jogo, quando alguém perde, é desafiado a interromper o fluxo de ar com as mãos ou com objetos que possam causar desmaios, tonturas e estados de euforia. A morte de Detter fez reacender, em diversos espaços da mídia, a discussão sobre os riscos a que as crianças e adolescentes estão suscetíveis no âmbito da rede digital, mais exatamente no tocante ao que Crary (2014) denomina de *imperativo da interatividade e fins do sono*, ao aludir à conectividade ininterrupta, segundo a qual o sujeito contemporâneo não deve desconectar-se e nem desligar-se. Se pensarmos nas rubricas atribuídas aos que nascem no auge dessas tecnologias, corporificadas em termos como “nativos digitais”, “geração Z”, “geração *on demand*”, é possível cogitar que a relação desses sujeitos com as tecnologias é guiada por uma espécie de direito natural e inquestionável no interior dos dispositivos que agenciam a ordem contemporânea dos discursos (cf. COURTINE, 2016).

Paralelo a esse direito, abriga-se o interesse quase totêmico pelas telas, pelo vídeo e pela imagem, a partir do qual se tem, por exemplo, a presença da criança na *web*, antes mesmo do nascimento, na medida em que se publiciza nas redes cada passo da gravidez, desde o exame de ultrassom até a filmagem do parto em tempo real. A inserção precoce da infância na *web* dá-se também pela incursão nos *sites* de compartilhamento de material audiovisual, como o *YouTube*, em que muitas crianças criam canais e postam vídeos diariamente, tornando-se o que comumente se denomina de *youtubers* mirins. Em resumo, o que queremos argumentar é que, à primeira vista, pode soar destoante falar de restrição da criança à *web*, quando se pensa na relação umbilical que a sociedade atual mantém com esse aparato tecnológico, em todas as dimensões da vida social, mais principalmente, no caso dos nativos digitais, os quais desde cedo já têm suas existências marcadas

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/10/menino-morre-apos-partida-de-game-online-e-amigos-notam-pela-webcam.html>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

pela *internet*. Por outro lado, é justamente o paroxismo dessa relação que constitui as condições de possibilidade para a emergência dos discursos sobre a necessidade de vigiar e controlar os usos da *web* pelas crianças.

Assim, partindo dessas questões, o presente texto tem como objetivo investigar, a partir da análise de materialidades que circularam na *web*, a constituição de dizeres acerca da criança hiperconectada, com vistas a estudar as posições enunciativas presentes na construção desses discursos, bem como os modos de objetivação/subjetivação que constroem a criança hiperconectada, a partir das vozes presentes em tais materialidades. Nessa análise, guiamo-nos pelas seguintes questões de pesquisa: Que posições enunciativas são recorrentes na constituição de dizeres sobre a criança hiperconectada? Como se engendram processos de objetivação/subjetivação da criança hiperconectada em discursos que circulam na *web*?

Do ponto de vista teórico, este estudo fundamenta-se nas discussões provenientes da Análise do Discurso, mais precisamente a partir dos contatos estabelecidos entre essa vertente investigativa com as teorizações de Michel Foucault. Desse autor, importa-nos as noções de discurso, enunciado e conceitos correlatos, bem como as reflexões tecida pelo pensador francês acerca do saber, do poder e do sujeito. Neste estudo descritivo-interpretativo, de feições qualitativas, selecionamos como objetos de análise as seguintes materialidades discursivas: i) reportagem intitulada *Geração On Demand*, publicada na seção TAB do site Uol; ii) *post* publicado no blog Antes que eles cresçam, intitulado *10 razões para se proibir a tecnologia para crianças*; iii) informativo postado no site da Clínica *Equilibré*, denominado de *9 sinais de que seu filho está a caminho do vício em internet*. A escolha por essas três materialidades seguiu os seguintes critérios: i) as materialidades deveriam estar disponíveis na *web*; ii) o material coletado precisaria trazer à baila uma diversidade de posições enunciativas, em virtude das vozes e dos lugares institucionais a que se vinculam.

Do ponto de vista da organização retórica, este artigo encontra-se estruturado em três seções, além destes comentários de viés introdutório. Na seção seguinte, discutiremos os principais conceitos e investigações foucaultianas que nos interessam para a análise das materialidades discursivas escolhidas; posteriormente, faremos a leitura analítica do *corpus* e, por último, teceremos considerações mais gerais sobre as reflexões aqui engendradas.

## **1. BREVE INCURSÃO SOBRE A OBRA FOUCAULTIANA**

Ao perscrutar a obra de Foucault, Deleuze (1990) defende que a filosofia desse autor perfila-se como uma análise de dispositivos concretos. Para Deleuze (1990), o dispositivo

compreende uma espécie de novelo multilinear composto por linhas de natureza distintas que ora se aproximam, ora se distanciam. Com efeito, para esse autor, as três instâncias de investigação da obra foucaultiana (o saber, o poder e a subjetividade) não possuem contornos fixos e definitivos, pois se constituem como dispositivos teóricos cujas linhas articulam-se, imbricam-se, enredam-se na trama epistemológica que Foucault teceu. Noutros termos, a obra de Foucault é apresentada como um conjunto de elementos que agencia modos de dizer e de não dizer, “configurando uma visibilidade enunciativa que [...] instaurou determinadas relações de força imprimindo tendências para ver e dizer o mundo” (COSTA; MARQUES-SILVA; AXT, 2014, p. 30). Ainda seguindo o pensamento de Deleuze (1990), entendemos que os dispositivos são máquinas de fazer ver e de fazer falar as quais entrelaçam as relações de força do poder, do saber e da subjetividade. A noção de dispositivo na obra de Foucault abrange uma intrincada relação entre os vários conceitos propugnados por esse autor, de modo que nos permite, numa visão mais macro, compreender as extensas e múltiplas linhas investigativas de Foucault e as revoluções conceituais desse autor (GROS, 2006) como componentes de um sofisticado dispositivo teórico.

Assim, frente a esse cabedal teórico, especificamos alguns conceitos foucaultianos, os quais nos interessam para o exercício analítico aqui proposto. Faremos, portanto, uma seleção de conceitos postulados por Foucault, na obra *A Arqueologia do Saber* (1969), além de outras reflexões desse autor no que se refere à questão do poder e da subjetividade. No que tange às noções arqueológicas de Foucault, importa-nos os conceitos de discurso e outras concepções adjacentes.

O discurso é concebido por Foucault (2010) como um conjunto de enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva. Esta última noção diz respeito a uma série de regularidades presentes num regime de dispersão. Considerando o discurso como um conjunto de enunciados, Foucault (2010) define o enunciado como uma unidade menor, como o átomo que constitui a função de existência dos signos. O autor entende que a descrição dessa função é responsável por compreendermos o enunciado num tempo e num espaço específicos. A ideia de enunciado, no âmbito das abordagens foucaultianas, diferencia-se dos conceitos de frase, de proposição e de ato de fala, pelos seguintes aspectos: i) o enunciado encontra-se na dimensão do discurso; ii) não está submetida à estrutura canônica da frase; iii) não se preocupa com as intenções de um sujeito falante, tal como a teoria dos *speech acts*. Em Foucault (2010), o enunciado constitui uma função marcada pelas seguintes especificidades: i) apresenta um referencial, caracterizado não como coisas, seres, mas como leis de emergência do enunciado; ii) possui um sujeito enunciativo marcado por um dado posicionamento discursivo; iii) coexiste em um campo associado que se forma por enunciados precedentes ou ulteriores; iv) possui uma estrutura material repetível. Por

meio dessa análise da função enunciativa, será possível averiguar as condições que permitem a aparição e transformação dos enunciados, os quais estão submetidos a uma ordem do discurso, na medida em que se controla e se regula o que é dito no âmbito das formações discursivas.

Ademais, quando define a formação discursiva, Foucault (2010) designa a descrição de um conjunto de quatro unidades, denominadas pelo autor de unidades do discurso, quais sejam: os objetos, as modalidades enunciativas, os conceitos e as estratégias. Mesmo compreendendo a relação de indivisibilidade entre tais unidades, em função das particularidades de nosso objeto de estudo, tomamos como categorias de análise as duas primeiras: os objetos e as modalidades enunciativas. Nesse sentido, Foucault (2010) fala-nos da formação dos objetos, ou seja, do regime de existência que demarca o aparecimento de um objeto de discurso. Para tanto, o autor especifica três níveis de análise: i) as superfícies de emergência – refere-se à necessidade de mostrar onde objetos podem surgir, para que possam, em seguida, ser analisadas e designadas as diferenças entre os objetos do discurso; ii) instâncias de delimitação – responsáveis por nomear, distinguir, designar e instaurar objetos de discurso. Assim, Foucault defende que, no século XIX, a instauração da loucura como um objeto de discurso efetivou-se graças à medicina, à justiça penal e à autoridade religiosa, as quais constituíam instâncias de delimitação desse objeto; iii) grades de especificação – trata-se dos sistemas “segundo os quais separamos, opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos” (FOUCAULT, 2010, p. 47) os diferentes objetos de discurso.

No que se refere às modalidades enunciativas, a perspectiva foucaultiana sinaliza para o *status* do sujeito que fala e os lugares institucionais de onde o sujeito obtém seu discurso. No caso da medicina, Foucault (2010) considera que, no século XIX, o laboratório representa um lugar de discurso para a prática médica cotidiana, cujas normas experimentais são as mesmas da física, da química ou da biologia. Por fim, ainda na formação das modalidades enunciativas, Foucault (2010) frisa a importância de se observar as variações das posições do sujeito que enuncia. O autor enfatiza que a posição-sujeito é manifestada principalmente pela dispersão nos “diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (FOUCAULT, 2010, p. 61).

Além desses conceitos operacionais que se fazem presentes na *Arqueologia do Saber*, nosso foco recobre ainda algumas ressonâncias foucaultianas atinentes aos processos de objetivação/subjetivação. Conforme a leitura de Revel (2005), os modos de objetivação transformam os seres humanos em sujeitos, por meio de uma série de saberes/poderes, de acordo com o que Foucault estuda em obras como *História da loucura na Idade Clássica* (1961), *Nascimento da clínica* (1963) e *As palavras e as coisas* (1966), *A Ordem do discurso* (1971), *Vigiar e Punir* (1975), e os modos de subjetivação dizem respeito à maneira pela qual o sujeito relaciona-

se consigo mesmo, por meio de certo número de técnicas, de modo a tornar-se sujeito de sua própria existência. Foucault estuda, de modo mais arguto, esses fenômenos a partir de obras como os três volumes da *História da Sexualidade* (1976, 1984a, 1984b), os livros cursos dos cursos ministrados no Collège de France, como *O governo dos vivos* (1980), *Subjetividade e verdade* (1980-1981) e *A Hermenêutica do sujeito* (1981-1982).

Essas reflexões estão pautadas pelos diferentes rumos tomados pelas abordagens de Foucault. Assim, o autor se preocupou, num primeiro momento, em radiografar os saberes que objetivam o homem no âmbito das ciências, como a gramática, as ciências do trabalho e as ciências naturais. A partir do exame de diferentes *epistemes* e de reconfigurações dos saberes, o autor assevera que o “homem é uma brecha na ordem das coisas” (FOUCAULT, 1999a, p.XXI). Além disso, Foucault analisou as práticas de divisão e de constituição do sujeito que instauram dicotomias como o louco e o são, o normal e o anormal, o homem de bem e o criminoso. Em *História da Loucura na Idade Clássica*, por exemplo, quando o autor discute a situação dos leprosos entre os séculos XV e XVII, o autor defende que o sucessivo desaparecimento dos sujeitos com lepra dos lugares públicos deixa como marca “a importância no grupo social dessa figura insistente e temida que não se põe de lado sem se traçar a sua volta um círculo sagrado” (FOUCAULT, 1978, p. 8). As reflexões de Foucault assinalam que ainda nos primórdios do saber médico, tem-se uma curiosa simbiose com os saberes provenientes da religião, da magia e da alquimia, de modo que os diferentes modos de objetivação provêm desses saberes. Em *O Nascimento da Clínica*, o autor defende que a transformação de uma medicina clássica, em que o objeto doença é categorizado como essência abstrata, para uma medicina clínica, segundo a qual é preciso intervir sobre o corpo doente, dando conta de sua singularidade (FOUCAULT, 2001b), demandou um novo olhar sobre o sujeito doente, de modo a transformá-lo num objeto do saber clínico.

Já em *Os Anormais*, Foucault (2001a) analisa os elementos, que na ordem do saber, fazem emergir a noção de anomalia no século XIX. Para tanto, o autor sustenta que o anormal do período oitocentista triangula-se a partir de três figuras, quais sejam: o monstro humano, resultante do domínio jurídico-biológico, o indivíduo a ser corrigido, fenômeno corrente a partir do século XVIII, e a criança masturbadora, figura totalmente nova no século XIX. Enlaçando essas três figuras, tem-se o médico como uma espécie de microcélula em torno do indivíduo e de seu corpo, objetivando-o. No prefácio de *Herculine Barbin: diário de uma hermafrodita* (1982), Foucault explicita que seu intento é analisar as memórias deixadas por um desses indivíduos (Herculine Barbin), no intuito de entrever a rede de saber na qual se entrecruzam a justiça e a medicina na atribuição do verdadeiro sexo.

Numa de suas entrevistas, Foucault (2006b, p.13) afirmou que seus objetivos de pesquisa consistiam em “pôr em evidência, fundamentando-me em sua constituição e sua formação, sistemas que ainda são os nossos nos dias de hoje [...] Trata-se, no fundo, de apresentar uma crítica do nosso tempo, fundamentada em análises retrospectivas”. Seguindo essa visada, Foucault volve seu olhar para a história, com vistas a entrever, entre as continuidades e descontinuidades intrínsecas à perspectiva de história por ele adotada, as formas através das quais o sujeito relaciona-se consigo mesmo e com os outros, a partir de determinadas técnicas e regimes de verdade. Tem-se, nesse outro momento da obra foucaultiana, conforme entende Revel (2005), a seguinte questão: “Quais procedimentos o sujeito mobiliza a fim de se apropriar ou de se reapropriar de sua própria relação consigo mesmo?” (p.83). Nesse momento da obra foucaultiana, o foco incide sobre o fato de o sujeito se autoconstituir por meio de técnicas de si, no lugar de ser constituído necessariamente através de técnicas de poder e as técnicas discursivas de saber (GROS, 2006). Comumente denominado de o *último Foucault*, nesse período dos ditos e escritos do autor, tem-se um interesse tenaz sobre as práticas de si que instauram a relação com a verdade, com a sexualidade e com o desejo.

Nas aulas que originaram a obra *A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982), Foucault, ao cartografar as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo, desde os séculos I e II da era cristã, mediante técnicas confessionais, afirma: “[...] é preciso o dizer-verdadeiro sobre si mesmo a fim de se estabelecer com a verdade em geral uma relação tal que nela se possa encontrar a própria salvação” (FOUCAULT, 2006a, p. 437). O autor distingue os variados modos de acesso à verdade, desde a Antiguidade até os primeiros tempos da era cristã, de modo a empreender uma genealogia do sujeito nas fissuras da história. Essa preocupação seminal com o sujeito está em conformidade com o objetivo mais amplo da obra desse autor, a qual se volta para o sujeito, e não para uma analítica do poder, de acordo o com que se costumava classificar os escritos foucaultianos.

## **2. A CRIANÇA HIPERCONECTADA EM TRÊS MATERIALIDADES DISCURSIVAS**

Conforme anunciamos na introdução deste trabalho, a análise deste texto engloba as seguintes materialidades: i) reportagem intitulada *Geração On Demand*, publicada na seção TAB do site Uol; *post* publicado no *blog* Antes que eles cresçam, intitulado *10 razões para se proibir a tecnologia para crianças*; informativo postado no site da Clínica *Equilibré*, denominado de *9 sinais de que seu filho está a caminho do vício em internet*. Começamos a análise pela reportagem publicada no site Uol<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/vida-on-demand/#efeito-colateral>>. Acesso em: 22. dez. 2016.



A seção TAB apresenta certa singularidade no funcionamento do *site* Uol, uma vez que trata de temas atuais, os quais, segundo a concepção da equipe editorial do *site*, merece um tratamento jornalístico particular, principalmente do ponto de vista gráfico, uma vez que tais textos estão marcados pelas várias possibilidades multissemióticas que a *web* propicia. Se pensarmos, a partir de Foucault (2010), na raridade enunciativa, podemos defender que a emergência dos enunciados na seção em foco responde ao caráter de raridade do discurso jornalístico, na medida em que este prioriza determinados dizeres e não outros. Consoante se espera na prática discursiva jornalística, a posição sujeito que enuncia na reportagem visa, num primeiro momento, informar a respeito dos riscos ocasionados pela utilização desenfreada das tecnologias digitais por parte das crianças. Vejamos o excerto abaixo expresso:

Ao desgrudar os olhos do seu celular, são grandes as chances de você constatar que as crianças também foram hipnotizadas por telas e pelas possibilidades que esses dispositivos oferecem. Como nativos da era digital, os mais novos veem como essência da vida a relação com o universo on demand, no qual é possível acessar o que quiserem, onde quiserem e quando quiserem. Mas a tecnologia cobra seu preço: uma coisa é um adolescente ou adulto ganhar esse privilégio do “tudo ao mesmo tempo agora” após já ter encarado a espera pelo próximo episódio.

As consequências existem, já são observadas e muitas chegam a ser alarmantes. Tanto que a SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria) acaba de produzir o seu primeiro manual – lançado em novembro - para ajudar a lidar com esses desafios. E eles são muitos. Basta conferir os relatos a seguir feitos por psicólogos, pediatras e pais - eles mesmos inseparáveis de seus eletrônicos:

- O bebê só fica quieto em frente ao celular. Sai a chupeta, entra “Galinha Pintadinha”;
- O feriado em família vira motivo de estresse, se o destino não tiver Wi-Fi nem conexão 3G;
- A criança manda mensagem via WhatsApp para a mãe, no quarto ao lado, para avisar que está com fome;
- O amigo imaginário perde espaço para o youtuber, sempre pronto a entreter;
- O 3G dos pais vira brinquedo dos filhos;
- A garota se recusa a comer, caso seus ídolos virtuais não a acompanhem;
- Grade fixa de programação e intervalo fazem da TV um castigo;
- O medo de acabar a luz não é do escuro. Mas da falta de internet e de bateria;
- A descoberta da senha do Wi-Fi antecede qualquer outro tipo de interação em um novo ambiente;
- Na hora do banho, o tablet é comandado pela mãe do outro lado do box (CARPANEZ, 2016, s.p.).

No começo da reportagem, o sujeito que enuncia interpela o sujeito leitor (“ao desgrudar os olhos do celular, são grandes as chances de você constatar”), hipotetizando uma situação na qual, para que se perceba a intimidade das crianças com os dispositivos eletrônicos (“hipnotizados pelas telas”), é necessário que o leitor desconecte-se, por um momento que seja, dessas mesmas

tecnologias. Essa remissão introdutória prepara o terreno para uma série de informações que a reportagem discursiviza, sinalizando para um quadro em que todos os sujeitos, crianças ou adultos, estão constantemente conectados. Para enunciar a respeito da criança hiperconectada, a posição-sujeito parte de saberes correntes que justificam a precoce inserção da criança nas tecnologias, partindo do pressuposto de que se trata de “nativos digitais”, os quais estão congenitamente interligados ao universo virtual. O que seria um mero desdobramento de uma geração com as práticas do seu momento histórico, assim como fora das gerações antecedentes e suas respectivas tecnologias, acaba por tornar-se um problema, quando se pensa nos efeitos mais intensos do uso desordenado desses dispositivos. Sobre tais efeitos, a posição que enuncia na reportagem menciona o manual da SPB – lugar de fala que demarca o funcionamento das modalidades enunciativas (FOUCAULT, 2010), uma vez que o *status* do saber clínico oriundo desse manual credibiliza os dizeres acerca da criança hiperconectada.

Dando continuidade, a reportagem enumera situações corriqueiras provenientes de relatos de sujeitos que lidam cotidianamente com as crianças, a partir da observação do comportamento destas, seja por meio de um saber médico-especializado (pediatras e psicólogos), seja através da experiência diária (pais). Esses relatos, aludidos na reportagem, funcionam como elementos de instâncias de saber-poder que fazem da criança um objeto sobre o qual se pode tecer generalizações, perscrutando sua relação no âmbito das tecnologias digitais, fazendo com que estes sujeitos tornem-se visíveis na ordem do enunciável. Disso resulta uma preocupação ancorada em constatações que revelam a dependência (“o bebê só fica quietinho de frente ao celular”, “motivo de *stress* se o destino não tiver Wi-Fi ou Conexão 3G”, “se recusa a comer”), que assinalam situações, as quais, num domínio associado (FOUCAULT, 2010), apontam para comportamentos, hábitos e medos infantis agora preteridos e/ou ressignificados em função dos dispositivos portáteis (“o amigo imaginário perde espaço para o youtuber”, “Grade fixa da programação e intervalo fazem da TV um castigo”, “o medo de acabar a luz não é do escuro. Mas da falta de internet e de bateria”), situações insólitas advindas da utilização dos eletrônicos (“manda mensagem via *WhatsApp* para a mãe”, “o tablet é comandado pela mãe do outro lado do box”).

Reiteramos que a construção discursiva da criança hiperconectada alinha-se a um cenário sócio-histórico no qual a larga utilização das tecnologias digitais é um traço definidor do sujeito contemporâneo. Conforme observamos na reportagem, as crianças parecem mimetizar o comportamento dos adultos na relação com o digital (“o 3G dos pais vira brinquedo dos filhos”, “eles mesmos inseparáveis dos eletrônicos”). Pensando com Rocha (2012), para quem é impossível apreender o sujeito “fora das malhas da historicidade, fora dos dispositivos que os constituem” (p.73), é possível entrever as estratégias de saber-poder que produzem a criança hiperconectada por

meio de posições enunciativas pautadas pela informação, mas também pela orientação e pela vigilância, consoante podemos apreender dos excertos que seguem:

Chegamos assim a um desafio bastante complexo, longe das respostas prontas que aparecem logo na primeira página do Google. Para entender sua dimensão, é preciso admitir a porrada entre expectativa e realidade: a expectativa de impor limites, a realidade do mundo on demand.

[...] A tecnologia on demand interfere na formação de pessoas que, literalmente, demandam o agora. “É lógico que esse cenário deixa as crianças mais mimadas”, diz Evelyn Eisenstein, professora de pediatria e clínica de adolescentes da UERJ. Segundo a pediatra, os pais ainda não acreditam nos prejuízos da conexão ininterrupta à saúde dos filhos, mas os consultórios já lidam com problemas concretos: ansiedade, dificuldade de concentração, síndrome do olho seco, transtornos de sono e também de alimentação.

[...] Depois da expectativa, a realidade. Lucas, 6, não conhecia qualquer tipo de restrição até algumas semanas atrás, quando seus pais determinaram horários para ele jogar, assistir a vídeos no YouTube e a outros programas online. Sua relação com a tecnologia começou com “Galinha Pintadinha” (de novo ela!), passou por “Angry Birds” (que ele chegou a controlar simultaneamente em duas telas) e nos últimos dois anos voltou-se a jogos de computador, de console e de seu inseparável tablet. Uma história corriqueira, não fosse o comportamento que chamou atenção na escola e o levou à terapia: ansiedade constante, pressa em acabar qualquer atividade offline e a certeza de que poderia fazer apenas aquilo que lhe desse prazer.

O diagnóstico de vício em dispositivos eletrônicos, dado pela psicóloga, foi construído durante um período familiar difícil. “Ele enfrentou a doença do pai, da mãe, além de mortes próximas. Deixávamos que jogasse para ter algum conforto. A vida estava complicada e naquele ambiente [dos jogos] não havia sofrimento”, relata a mãe, Ana Claudia da Silveira Fragoso, 36 (CARPANEZ, 2016, s.p.).

A posição sujeito da reportagem aponta para a situação de aflição em que se encontram os pais das crianças viciadas em tecnologias digitais, uma vez que buscam auxílio na *web*. De acordo com a reportagem, as respostas encontradas em mecanismos de busca na *internet*, como o *Google*, denotam a não-coincidência entre as orientações que visam a limitar o acesso das crianças à *internet* e os efeitos produzidos no âmbito de uma geração intrinsecamente marcada pelo digital. A voz de autoridade do discurso citado na reportagem (Evelyn Einstein), ao mesmo tempo em que demarca o funcionamento das modalidades enunciativas, pois assinala um lugar de fala institucionalmente autorizado a produzir dizeres sobre a criança hiperconectada, endossa a posição enunciativa da reportagem, ao sublinhar os problemas originados da exposição ininterrupta da criança na *internet*. Nesse sentido, os sintomas elencados — dificuldade de concentração, síndrome do olho seco, transtornos de sono e também de alimentação — e a referência ao consultório como um lugar em que se produz um dizer clínico sobre a criança hiperconectada demarcam o funcionamento de um saber responsável por tornar visível o problema da hiperconectividade infantil como algo premente,

atual, inegável. Pensando a mídia, corporificada na reportagem, enquanto uma instância de delimitação (FOUCAULT, 2010) que nomeia, designa e instaura a criança hiperconectada como um objeto de discurso, é necessário não perder de vista as demais instâncias convocadas para a produção desses enunciados, a exemplo da frequência com se recorre aos saberes de ordem clínica para se lançar luzes sobre a questão tratada.

O exemplo citado na reportagem ilustra o modo como a criança hiperconectada é objetivada por uma série de estratégias de saber-poder. Isso se materializa na descrição que insere a criança no lugar do sujeito doente, na medida em que se contextualiza o aparecimento da enfermidade (“sua relação com a tecnologia começou”), a irrupção dos sintomas (“ansiedade constante”, “pressa em acabar qualquer atividade offline”) e a voz da mãe que justifica o quadro clínico da criança (“a vida estava complicada”). Além do mais, a utilização do exemplo afiança o caráter premente do problema da infância hiperconectada, haja vista que abundam casos semelhantes em diversas plataformas midiáticas, conforme citamos, por exemplo, na introdução deste texto.

Paralelamente ao tom informativo que predomina no âmbito da posição de sujeito no decorrer da reportagem, convém pensarmos ainda em como essas informações relacionam-se a uma posição que também orienta os pais a respeito da questão da conexão intermitente da criança na *web*. Essa posição recrudescer quando a reportagem menciona algumas orientações constantes no manual elaborado pela SBP, especialmente quando estratifica, a partir da faixa etária, o limite de utilização das tecnologias digitais, como, por exemplo, quando orienta: *Até 2 anos: a criança não deve ser exposta passivamente às telas – TV, tablet, celular, etc. Principalmente durante as refeições e até 2 horas antes de dormir.* Essa posição que orienta também se faz presente numa seção intitulada *Construa uma rotina*, na qual se pode observar uma série de normas comportamentais a serem incutidas na criança, de maneira a discipliná-la (FOUCAULT, 1999b) quanto ao tempo e aos modos de uso das tecnologias. Isso se materializa em enunciados como: *Estabeleça regras e limites sobre o tempo de atividades online por dia ou nos fins de semana.; Faça recomendações de segurança: nunca fornecer senhas, não aceitar presentes oferecidos e jamais ceder a qualquer tipo de chantagem, ameaça ou pressão.* Nesses enunciados diretivos, tem-se o funcionamento de técnicas de poder que objetivam resguardar a integridade da criança no manuseio das tecnologias, tanto do ponto de vista de evitar práticas viciosas em relação ao tempo de uso, como também no que se refere de livrar a criança de ações perniciosas oriundas do ciberespaço como o *bullying* e a pedofilia. Na inextricável relação entre o saber e o poder (FOUCAULT, 2006c) na produção de discursos sobre a criança hiperconectada, figura-se a produção de subjetividades controladas e vigilantes.

Na segunda materialidade selecionada para análise, o foco recai sobre os efeitos provenientes na saúde da criança exposta de maneira viciosa às tecnologias, o que constituem as *10 razões para se proibir tecnologia para as crianças*, título do *post* publicado no *blog Antes que eles cresçam*<sup>5</sup>. Pensando as características do *blog* a partir de Miller (2012), para quem o *blog* se define com base em sua cronologia reversa, sua atualização frequente e sua combinação de *links* com comentários pessoais, vale salientar que o *blog* em foco tem como propósito tratar de questões concernentes à vida dos filhos, principalmente quando são crianças, o que explica o título *Antes que eles cresçam*. Na descrição do *blog*, na página principal, do lado esquerdo da tela, lê-se: “Logo seu anjinho vira um moção. Leia agora”. Tal exortação encontra respaldo no caráter evanescente e irreversível da infância como uma etapa geracional singular na vida dos filhos, para a qual os pais devem dedicar todos os esforços possíveis, principalmente para não se sentirem culpados depois. Assim, dentre as diversas temáticas que circulam nas postagens desse *blog*, a relação da criança com as tecnologias digitais ocupa um lugar de destaque, o que nos permite, mais uma vez, constatar a raridade enunciativa dos dizeres em torno da criança hiperconectada.

O *post* em análise constitui uma resposta aos leitores para outro texto publicado no *blog*, intitulado de *O que nós ganhamos quando a televisão saiu de cena*. Segundo a posição que enuncia no *blog*, os leitores solicitaram dados científicos os quais corroborassem as consequências prejudiciais da relação da criança com a TV. A autora do *blog* foi mais longe e trouxe um texto, originalmente publicado em inglês, escrito por Chris Rowan, terapeuta ocupacional pediátrica, o qual trata de discutir os resultados nocivos causados na criança, em função do uso das tecnologias digitais e não somente da TV. Vejamos alguns trechos do *post* a seguir:

10 razões pelas quais dispositivos portáteis devem ser proibidos para crianças com idade inferior a 12 anos.

1 . Crescimento rápido do cérebro

O estímulo a um desenvolvimento cerebral causado por exposição excessiva a tecnologias (celulares, internet, iPads, TV) foi mostrado afetar negativamente o funcionamento e causar déficit de atenção, atrasos cognitivos, aprendizagem deficiente, aumento da impulsividade e diminuição da capacidade de auto-regular, exemplo: birras (Fonte: Small 2008, Pagini 2010) .

2 . Atraso no desenvolvimento

O uso da tecnologia restringe o movimento, o que pode resultar em atraso de desenvolvimento. Uma em cada três crianças agora entram na escola com atraso de desenvolvimento, impactando negativamente a alfabetização e o desempenho acadêmico (Help EDI Maps 2013).

3 . Epidemia de obesidade

<sup>5</sup> O *post* foi publicado no dia 11 de março de 2014. Até a data de acesso, havia no *blog* mais de cem comentários acerca do *post* em questão. Disponível: <<https://antesqueelescrescam.com/2014/03/11/10-razoes-para-se-proibir-tecnologia-para-criancas/>>. Acesso em: 20. dez. 2016.

As crianças que possuem dispositivos eletrônicos em seus quartos têm 30% de aumento na incidência de obesidade (Fonte: Feng 2011)

#### 4 . Privação do sono

60% dos pais não supervisionam o uso de tecnologia de seus filhos e 75% das crianças estão autorizadas a ter tecnologia em seus quartos (Kaiser Foundation 2010). 75% das crianças com idade entre 9 e 10 anos são privados de sono e como consequência, suas notas na escola são negativamente impactadas (Boston College 2012).

#### 8 . Vícios

Como os pais ficam cada vez mais presos à tecnologia, eles estão se desapegando de seus filhos. Na ausência de apego dos pais, as crianças separadas podem se conectar a dispositivos, o que pode resultar em dependência (Rowan 2010). Uma em cada 11 crianças com idades entre 8-18 anos são viciadas em tecnologia. (LEÃO, 2014, s.p.).

O fato de os leitores do *blog* clamarem por evidências científicas que atestassem as elucubrações da autora do *blog* parece-nos sintomático para pensarmos no papel crucial dos saberes científicos para tornar críveis os dizeres que circulam na mídia. Com efeito, são esses saberes, linguisticamente marcados, por exemplo, pelas referências a pesquisas realizadas no exterior, que constroem a figura da criança hiperconectada, na medida em que elenca os efeitos ocasionados pelo uso dos dispositivos portáteis para as crianças menores de doze anos. Para argumentar acerca de tais efeitos, a posição-sujeito do *post* constrói enunciados marcados por uma materialidade repetível, os quais no formato de lista e/ou manual, enumeram as razões pelas quais as crianças, da faixa etária antes citada, não devem ter contato com os dispositivos tecnológicos portáteis. A questão da saúde de ordem neurobiológica (“crescimento rápido do cérebro”, “atraso no desenvolvimento”), de ordem física (“epidemia de obesidade”) e psicológica (“privação do sono”, “vícios”) constitui o principal elemento que objetiva o corpo da criança hiperconectada sob o crivo do saber clínico. Assim como em alguns enunciados presentes na reportagem anterior, os enunciados que circulam nesse *post* caracterizam-se pelo apelo ao saber científico como forma de proporcionar veracidade ao dito.

Há uma ênfase, nas informações contidas no *post*, no caráter estatístico dos dados das pesquisas realizadas, as quais fazem funcionar as modalidades enunciativas de que falamos anteriormente. Nesse sentido, os dados estatísticos e probalísticos (“30% de aumento na incidência de obesidade”, “Uma em cada 11 crianças com idades entre 8-18 anos são viciadas em tecnologia”) contribuem para tornar empírica e verificável a preocupação em torno da criança hiperconectada, na medida em que os dados adquirem um *status* do verdadeiro, atrelando-se às relações de saber-poder. Se considerarmos o público a que se endereçam os dizeres do *blog*, os dados estatísticos colaboram para que os pais, através de microrrelações de poder, prestem atenção em seus filhos, concebidos

como potenciais viciados em *internet*, fazendo com que estes revejam suas posturas no âmbito da relação com a *web*.

A última materialidade sobre a qual inclinamos nosso olhar analítico constitui um informativo da clínica *Equilibré: serviços de Saúde*<sup>6</sup>. Tal clínica, localizada no interior de São Paulo, realiza atendimentos particulares em Fisioterapia e Psiquiatria. De acordo com o que se pode observar no item *Quem somos*, no *site* da instituição, a *Equilibré* também oferece cursos de atualização, palestras e consultorias a profissionais e estudantes. Dentre os diversos informativos publicados no *site*, o que nos interessa intitula-se *9 sinais de que seu filho pode estar a caminho do vício em internet*. Vejamos alguns excertos da materialidade a ser analisada.

*9 sinais de que seu filho pode estar a caminho do vício em internet*

Cibervício: um perigo comprovado

A internet é inevitável. E, de décadas para cá, passou de inevitável para essencial. Está na escola, em casa e, hoje em dia, até no rancho dos avós.

Por isso, você, mãe ou pai, tem um papel importante na educação digital do seu filho. Estes sinais, por exemplo, merecem muita atenção:

- Apego excessivo ao dispositivo
- Uso duradouro

Fica horas à frente do dispositivo e, muitas vezes, perde a noção do tempo.

- Isolamento

Evita sair de casa ou ir a lugares sem conexão à internet.

- Baixo rendimento escolar

A vida virtual descontrolada geralmente prejudica o rendimento escolar. Quando não troca o tempo dos estudos pela internet, mantém a mente conectada aos temas virtuais.

Se perceber que a relação entre seu filho e a internet já traz algum tipo de prejuízo físico, mental ou social, procure nossa ajuda profissional. A infância é preciosa e, inevitavelmente, prediz a qualidade de vida no futuro.

Vamos juntos?

A Clínica *Équilibré* oferece um tratamento integrado à criança e ao adolescente que abrange fisioterapia, psiquiatria, psicopedagogia, pedagogia especial, psicologia e terapia ocupacional. É assim que promovemos o melhor equilíbrio entre o seu filho e o futuro saudável que ele merece. Conheça-nos. Faça uma visita (*EQUILIBRÉ*, s.d.).

Chama-nos a atenção, no título do informativo, o termo *sinais* e toda rede de memória por ele mobilizada. Do ponto de vista da constituição do saber médico (cf. FOUCAULT, 2001b), os *sinais* articulam-se aos sintomas, aos indícios, aos elementos que denunciam a doença. O uso do termo *sinais*, considerando o lugar da clínica *Equilibré*, reforça o caráter preventivo no tratamento do vício em tecnologias digitais, na relação sintagmática com a construção “pode estar a caminho do vício”. O modalizador *pode*, ao mesmo tempo em que atenua o diagnóstico antecipado do

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.equilibresaude.com.br/index.php/informativo/38-9-sinais-de-que-seu-filho-pode-estar-a-caminho-do-vicio-em-internet.html>>. Acesso em: 16. dez. 2016.

problema, apontando para o campo da possibilidade, funciona como um recurso linguístico responsável por construir um cenário no qual ainda é possível intervir, ou seja, os pais ainda podem modificar práticas e comportamentos dos filhos hiperconectados, caso atentem para as orientações contidas no informativo da clínica (“você, pai ou mãe, tem um papel importante na educação digital do seu filho”).

Os sinais, assim como as materialidades analisadas anteriormente, corporificam-se em efeitos desastrosos ocasionados pelo “apego excessivo” aos dispositivos digitais, o que inclui o isolamento, a preferência pelos amigos virtuais em detrimento aos reais e o baixo rendimento escolar. Em suma, os sinais objetivam a criança como um sujeito doente, sobre o qual é urgente que se intervenha. A posição que enuncia no informativo constrói para si o lugar do esclarecimento, de um saber médico e especializado que poderá tratar da criança hiperconectada (“procure nossa ajuda profissional”) e, para isso, conta com o apoio dos pais (“Vamos juntos?”). A descrição dos serviços oferecidos pela clínica faz com que haja uma dispersão da posição enunciativa que, ora informa a respeito dos problemas do cibervício, ora exerce a função de fazer um *marketing* da clínica em foco.

Em todas as materialidades analisadas, é relevante constatar o silenciamento da voz da criança (CORACINI, 2008). Embora todos os textos tratem da criança hiperconectada, tecendo os mais variados dizeres sobre ela, seja do ponto de vista do saber clínico, da observação e vigilância dos pais, ou da voz da instância midiática que informa e orienta, à criança não é dada o direito de fala. Por meio de estratégias de saber-poder que inserem a criança no lugar do doente, os modos de subjetivação da criança, ou seja, as maneiras através das quais a criança relaciona-se consigo mesma no interior dessas práticas não são mencionadas, nem sugeridas. As resistências às políticas de acesso aos dispositivos e ao poder que proíbe e/ou censura a criança parecem anuladas e/ou inexistentes na perspectiva das orientações presentes nas materialidades analisadas. Essa constatação demonstra a positividade do poder que normaliza e ordena condutas. No caso da criança hiperconectada, entrevistas por meio do discurso midiático, esse poder silencia possíveis resistências da criança ante o saber clínico, o poder dos pais e da informação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, a partir do aparato teórico foucaultiano, tivemos como objetivo investigar, a partir da análise de materialidades que circularam na *web*, a constituição de dizeres acerca da criança hiperconectada, com vistas a estudar as posições enunciativas presentes na construção desses discursos. Além disso, analisamos os modos de objetivação/subjetivação que constroem a



criança hiperconectada, a partir das vozes presentes em tais materialidades. Para tanto, orientamo-nos pelas seguintes questões de pesquisa: que posições enunciativas são recorrentes na constituição de dizeres sobre a criança hiperconectada? Como se engendram processos de objetivação/subjetivação da criança hiperconectada em discursos que circulam na *web*?

Em relação às posições enunciativas, a análise destacou que, na composição das materialidades estudadas, as posições de sujeito são marcadas prioritariamente pela informação. Tanto na reportagem do site Uol, como no *post* do blog *Antes que eles cresçam* e no informativo da *Clínica Equilibré* a voz que enuncia visa, sobretudo, a informar os pais e/ou responsáveis acerca dos perigos da conectividade ilimitada da criança na *web*. Não obstante, dadas as peculiaridades de cada uma das materialidades, essa posição que informa se dispersa em posições que orientam (na reportagem e no *post*) e empreende um serviço de *marketing* (informativo).

Já no que se refere aos modos de objetivação/subjetivação, flagramos a atuação de estratégias de saber/poder que objetivam a criança, de modo a esmiuçar a relação desta com o digital, detalhando os efeitos e os desdobramentos do uso excedente dos dispositivos eletrônicos, inserindo esse sujeito num lugar do enfermo, pois necessita de cuidados especializados. A predominância do saber clínico, como o lugar do verdadeiro na formação histórica vigente, faz com que os modos de subjetivação da criança hiperconectada esteja numa relação de contiguidade às orientações médicas. As possibilidades de resistência, ainda que existentes, são majoritariamente preteridas pelo apelo ao bem-estar e à saúde da criança na relação com o digital.

Recebido em: dezembro de 2016  
Aprovado em: setembro de 2017  
franciscovieirariacho@hotmail.com

## REFERENCIAS

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flakman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CARDOSO, D. S. A cultura do quarto e o uso excessivo de internet. Resultados nacionais do inquérito EU *Kids Online*. In: PONTE C. *et al.* (Org.). *Crianças e internet em Portugal: acessos, usos, riscos e mediações*. Resultados do inquérito europeu EU *Kids Online*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, 2012, p. 57-74.
- CARPANEZ, J. *Geração on-demand*. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/vida-on-demand/#imagem-1>>. Acesso em: 22 dez. 2016.
- CORACINI, M. J. R. F. Juventudes em risco e governamentalidade: a questão do silenciamento e da identidade. In: NAVARRO, P. (Org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 59-70.

COSTA, L. A.; MARQUES-SILVA, P.; AXT, M. Acontecimento-foucault: entre o *cronos* e o *aion* de si. In: FONSECA, T. M. G.; ARANTES, E. M. M. (Orgs.). *Cartas a Foucault*. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.25-47.

COURTINE, J. J. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). *(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p.15-29.

CRARY, J. *24/7 — capitalismo tardio e fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: \_\_\_\_\_. *Michel Foucault, filósofo*. Trad. Wanderson F. Nascimento. Barcelona: Gredisa, 1990, p.35-47.

EQUILIBRÉ. 9 sinais de que seu filho pode estar a caminho do vício em *internet*. Disponível em: <<http://www.equilibresaude.com.br/index.php/informativo/38-9-sinais-de-que-seu-filho-pode-estar-a-caminho-do-vicio-em-internet.html%3E>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. *Herculine Barbin: diário de uma hermafrodita*. Trad. Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999b.

\_\_\_\_\_. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b.

\_\_\_\_\_. *A Hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca & Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. Conversação com Michel Foucault. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder, saber*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. (Coleção Ditos e escritos, v. IV), p.13-25.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca & Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.613-662.

LEÃO, C. *10 razões para se proibir tecnologias para crianças*. Disponível em: <https://antesqueelescrecam.com/2014/03/11/10-razoas-para-se-proibir-tecnologia-para-criancas/>. Acesso em: 20 dez. 2016.

MILLER, C. Gêneros e *internet*. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. (Orgs.). *Gênero textual, agência e tecnologia*. São Paulo: Parábola, 2012. p.59-86.

MONTEIRO, A. F.; OSÓRIO, J. A. Novas tecnologias, riscos e oportunidades na perspectiva das crianças, *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v.28, n.1, 2015. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/7049>>. Acesso em: 20. dez. 2016.

NOGUEIRA, J. C. “*Site de Obaid*”: o que incomoda as crianças na internet. 95 f. 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2016.

RAVASIO, M. H.; FUHR, A. P. O. Infância e tecnologia: aproximações e diálogos, *Educação Temática Digital*, Campinas, v.15, n.2, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1279>>. Acesso em: 17. dez. 2016.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROCHA, D. Perspectiva foucaultiana. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012, p.47-80.